



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: POMPÉIA E A INFLUÊNCIA DO NOVO SOBRE O ANTIGO

PRIMIERI, Dayana Terezinha.¹
FIGUEIREDO, Maria Paula Fontana.²

RESUMO

A presente pesquisa objetivou a fundamentação teórica sobre o sítio arqueológico de Pompéia. Primeiramente, foi levantada a conceituação de morfologia urbana e, em seguida, conceituou-se o que é um sítio arqueológico e qual sua importância dentro da sociedade. Na sequência, foi realizada a fundamentação do motivo pelo qual Pompéia tornou-se um patrimônio arqueológico mundial. Com vista a isso, o objetivo foi responder ao seguinte problema de pesquisa: as delimitações de perímetro do sítio arqueológico de Pompéia são influenciadas pela área urbana em proximidade? Por se tratar de uma pesquisa em desenvolvimento, a conclusão final será apresentada nos próximos passos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Pompéia, Desenvolvimento urbano, Sítio arqueológico.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está vinculada à etapa de defesa de Trabalho do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. Insere-se na linha de pesquisa intitulada “Patrimônio Histórico e Cultural”, o tema é a morfologia urbana do entorno do sítio arqueológico de Pompéia.

A morfologia urbana é fundamental para o entendimento do desenvolvimento da cidade. Com ela, o urbanista é capaz de mostrar como o ambiente construído pode ser entendido e analisado como um sistema de relações entre regras de transformações (GAUTHIER; GILLILAND, 2006, p. 45). Em contrapartida, dentro do meio acadêmico, o estudo morfológico de conurbações de área urbana com sítios arqueológicos não possui grande pauta, carecendo de bagagem teórica dentre os urbanistas.

Com o desenvolvimento deste trabalho, pretende-se intensificar os debates de abrangência entre o urbanismo, a arquitetura e a arqueologia. Dessarte, o problema de pesquisa estabelecido foi: as delimitações de perímetro do sítio arqueológico de Pompéia são influenciadas pela área urbana em proximidade? Quanto a isso, a hipótese inicial é a de que existe a influência da área urbana no

¹ Acadêmica de Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG, formando em 2024. Aluna de PICV (Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária) do Grupo de Pesquisa Teoria da Arquitetura. E-mail: day.primieri@gmail.com.

² Professora orientadora da presente pesquisa. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela UNIOESTE; graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário FAG. Docente do Centro Universitário FAG. E-mail: mariapaulafigueiredo@hotmail.com.



entorno do sítio arqueológico, uma vez que o sítio arqueológico está cercado e delimitado pela cidade contemporânea de Pompeia. Essa influência tende a acontecer de duas maneiras: positiva - onde impulsiona o desenvolvimento econômico, social e cultural através do turismo; e negativa - onde, com a construção de novos edifícios em proximidade, pode ocasionar tremores de solo, alteração do bioclima, aumento de tráfego de automóveis, aumento de poluição, entre outros fatores que podem danificar as condições de conservação de todos os elementos que compõem o sítio arqueológico. Como consolidação entre a compreensão morfológica do antigo e do novo, o trabalho tem como marco teórico que:

As coisas concretas que constituem nosso mundo dado se inter-relacionam de modo complexo e talvez contraditório. Alguns fenômenos, por exemplo, podem compreender outros. A floresta compõe-se de árvores e a cidade é feita de casas. A ‘paisagem’ é um fenômeno muito abrangente. De maneira geral, pode-se dizer que alguns fenômenos formam um ‘ambiente’ para outros. Um termo concreto para falar em ambiente é lugar. Na linguagem comum diz-se que os atos e acontecimentos têm lugar. Na verdade, não faz o menor sentido imaginar um acontecimento sem referência a uma localização. É evidente que o lugar faz parte da existência (NORBERG-SCHULZ, 2006, p. 444).

O objetivo geral do trabalho consistiu em analisar a influência morfológica sobre o desenvolvimento urbano em proximidades ao sítio arqueológico de Pompéia. Para os objetivos específicos, definiram-se: A) Apresentar a história de Pompeia; B) analisar e comparar o perímetro do sítio arqueológico através dos anos; C) analisar a evolução urbana da cidade contemporânea através de mapas e legislações; D) analisar política de preservação do sítio arqueológico; e E) analisar instrumentos, planos e condutas públicas italianas sobre o desenvolvimento urbano da região.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MORFOLOGIA URBANA

Costa e Netto (2015, p. 30, apud LARKHAM; JONES, 1980, s.p.) afirmam que o sufixo “ologia”, comumente é utilizado para referir-se ao estudo de algo. Deste modo, analisando o termo morfologia urbana, refere-se ao estudo da forma, ou, ainda, o estudo da forma física ou edificada, da sociedade e dos processos que originaram sua forma.



A morfologia é utilizada por ciências como: botânica, zoologia, geografia, entre outras, mas de maneira similar, a fim de remeter ao conhecimento das formas de um objeto. Por exemplo, a botânica tomará para si o estudo da morfologia das fanerógamas, a zoologia a morfologia das aranhas, e a geografia a morfologia urbana (VILLALVA, 2007, p. 10).

Lamas (2000, p. 37) corrobora ao conceituar que morfologia é a ciência que estuda as formas: a configuração da estrutura exterior de um objeto e as interliga com os fenômenos de origem.

A morfologia urbana estuda a forma e as partes físicas exteriores do meio urbano através do tempo, conhecidos como elementos morfológicos. Todavia, o estudo morfológico não possui como pauta o processo de urbanização por convergirem na morfologia como uma explicação do surgimento formal, ou seja, os fenômenos sociais, econômicos e outros motores da urbanização não são objeto de estudo (LAMAS, 2000, p. 38).

Para descrever ou analisar a forma física de uma cidade ou mesmo de um edifício, pressupõe-se já a existência de um instrumento de leitura que hierarquize a importância de um instrumento dos diferentes elementos da forma. Assim, os fios de eletricidade de uma rua não têm a mesma importância na descrição do espaço físico dessa rua como a altura dos edifícios, etc. Portanto, mesmo querendo-se objetiva, passa já por uma operação da cultura que seleciona os elementos, os hierarquiza e lhes atribui valores (LAMAS, 2000, p. 37, *apud* CERASI, 1977, p. 26).

O termo “forma urbana” define a descrição física e característica de uma cidade. Esta forma urbana pode ter uma escala variada, mas incluirá nas suas considerações e medições os edifícios individualmente, as ruas, os bairros, a vizinhança e a cidade como um todo (DEMPSEY, et al. 2010, p. 21-22). A forma compreende o sentido de diversificação das formas visíveis da paisagem urbana (COSTA; NETTO, 2015, p. 33)

A abrangência da forma urbana depende de características físicas e não físicas, como por exemplo, tamanho, formato, escala, densidade, uso do solo, tipos de edifícios, layout do bairro e distribuição do espaço verde (DEMPSEY, et al. 2010, p. 22). Segundo Lamas (2000, p. 38-39), deve-se dividir o meio urbano em elementos morfológicos, ou seja, em partes, e analisar a relação com os lugares que constituem esse espaço. O estudo deve considerar os níveis de produção ou o momento ao qual o espaço urbano está inserido.



Dividindo o meio urbano em consonância com o tema da presente pesquisa, obtemos o elemento urbano sítio arqueológico, o qual possui forma e característica urbana com valores e importância histórica para toda a humanidade. O estudo de conceituação do termo é abordado no tópico seguinte.

2.2 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O sítio arqueológico, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN (2014), é um espaço rico de vestígios da ocupação humana, uma vez podendo ser reconhecido também como cemitérios, sepulturas ou, ainda, um local que foi destinado a uma habitação temporária ou aldeamento, tal qual grutas, lapas e abrigos em cavernas ou sob rochas.

Na literatura, o termo sítio arqueológico, é bastante usual, o qual transcreve-se um lugar ou espaço que possui e evidencia a preservação de atividades humanas, assim como sua cultura por meio de elementos ou objetos de valor, estes ditados pela descoberta, identificação e/ou estudo da arqueologia. Neste sentido, o conceito de sítio arqueológico possui um escopo e determinada época da vida humana antiga e sua ocupação, ele pode incluir desde arte na pedra até monumentos icônicos (SULLIVAN; MACKAY, 2012, n.p., traduzido pela autora).

Ainda em conformidade com Sullivan e Mackay (2012), o valor cultural do patrimônio normalmente significa os valores de um espaço que o fazem ser conservado ou não, o que varia de acordo com a cultura social. O reconhecimento de um sítio arqueológico pode variar de acordo com sua história, estética e valor científico que o caracteriza. Portanto, se o sítio dispõe de valores sociais ou espirituais, maior sua significância dentro de uma cultura, maior o investimento nos processos de manter esta significação, maior a sua conservação.

Por oferecerem informações arqueológicas como uma janela que oportuniza melhoras no ramo da ciência em como, em um passado distante, vivia o homem, a sua sociedade e seus desenvolvimentos tecnológicos, os sítios arqueológicos ainda consistem em uma importante forma de patrimônio cultural. De maneira profissional, para os acadêmicos e pesquisadores, tais locais são fonte de informações e experiências valiosas para as futuras gerações (MASON; AVRAMI, 2000, p. 13, traduzido pela autora).

A conservação destes sítios pode ser uma tarefa árdua, visto de uma perspectiva técnica, a complexidade dos materiais e construções, ainda com suas condições, uso e exposição ao tempo e



degradação. A maneira de conservação, o grau de intervenção e os objetivos são dilemas filosóficos que podem ser encontrados mais agravados devido a fatores sociais deliberados, como furtos dos objetos, desenvolvimento urbano não planejado ou invasão do local, aumento significativo do turismo, guerras, escavações clandestinas, queda e problemas financeiros na economia, controversas políticas, entre outros (MASON; AVRAMI, 2000, p. 13-14, traduzido pela autora).

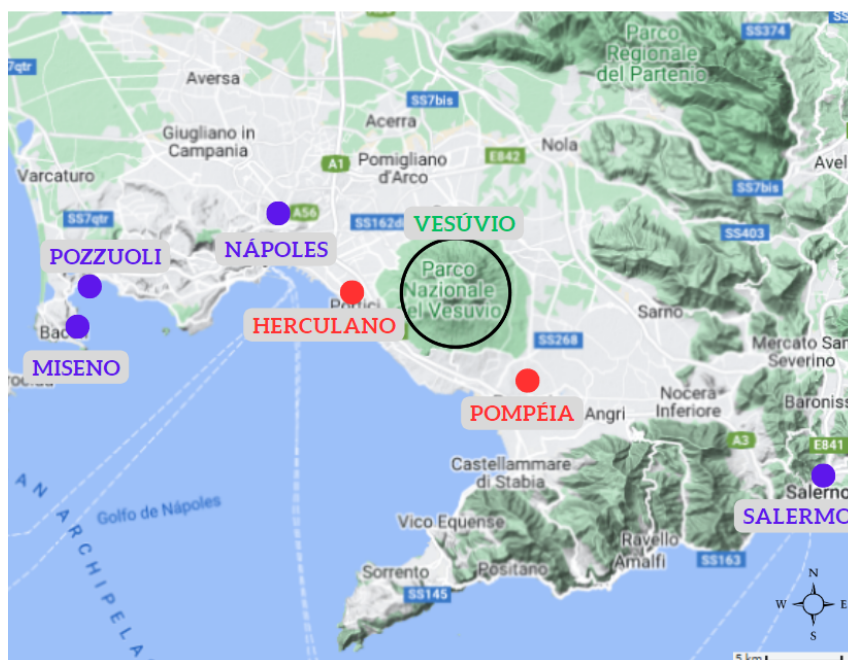
Por fim, como estudo de caso, este artigo objetiva a análise do sítio arqueológico de Pompéia, observando sua importância social e seu reconhecimento como patrimônio histórico e cultural. O tópico a seguir é um resgate histórico do que levou Pompéia a se tornar um sítio arqueológico.

2.3 A CIDADE SOTERRADA: POMPÉIA

O nome de duas cidades italianas, Pompéia e Herculano (Figura 01), são bastante relevantes no contexto contemporâneo devido à erupção do Vesúvio em 79 d.C. No entanto, ambas eram particularmente irrelevantes para os romanos. Não se comparavam como as grandes e importantes cidades de Nápoles ou Pozzuoli, não possuíam uma estratégia como Miseno, nem mesmo um habitante nascido em Pompéia e Herculano foi crucial para o desenvolvimento da história romana (COOLEY; COOLEY, 2014, p. 01, traduzido pela autora).

As maiores diferenças entre as duas cidades partem desde a quantidade de soterramento que se encontravam até o início das escavações por volta de 1748. Pompéia possuía uma população entre 10.000 - 12.000 habitantes em uma área com cerca de 66 hectares, enquanto a população de Herculano variava por volta de 4.000 habitantes em 20 hectares. Ambas as cidades contribuíram com a Guerra Civil contra Roma no primeiro século antes de Cristo, tornando Pompéia uma colônia com desenvolvimento urbano iniciado por volta do séc. VI a.C., e Herculano um município com desenvolvimento urbano mais tardio por volta do séc. I a.C. (COOLEY; COOLEY, 2014, p. 01-02, traduzido pela autora). Em vista do porte de Pompéia em relação a Herculano, a presente pesquisa dará prioridade à história e contextualização de Pompéia.

Figura 01 - Mapa de localização da região de Pompeia e Herculano.



Fonte - Google Maps, 2024. Adaptado pela autora.

Na manhã do dia 25 de agosto de 79 d.C., os cidadãos de Pompéia tentavam sair às pressas da cidade devido a um bombardeio de chuva de pedra-pomes que estava vindo diretamente do vulcão Vesúvio (BEARD, 2010, p. 01, traduzido pela autora).

Cooley (2023, p. 13, traduzido pela autora) afirma que a erupção do monte Vesúvio consistiu em duas fases, com início no dia 24, e consistiu no início da erupção com a formação de nuvens avistadas em Miseno, fase esta que perdurou por aproximadamente sete horas de poeira de pedra-pomes. Na manhã do dia 25, a segunda fase da erupção foi crucial para Pompéia devido à violência e destruição que a poeira piroclástica³ densa atingiu a população.

Segundo Beard (2010, p. 09-10, traduzido pela autora), a população estava sã dos acontecimentos apontados pelo Vesúvio horas, até mesmo dias, antes do desastre. Arqueologistas e cientistas apontam que houveram vários tremores e pequenos terremotos que deveriam ter incentivado os moradores a deixarem a cidade antes da chegada das pedras-pomes. Muitos deixaram o local, mas cerca de 1100 corpos foram encontrados nas escavações.

³ Depósito primário formado por partículas (piroclastos) gerados por erupções explosivas e depositadas por processos vulcânicos primários (queda, fluxo, surge) (SOMMER, C. A., et al., 2003).



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



Ao saírem às pressas e contando com o retorno, muitos cidadãos deixaram seus pertences para trás, o que contribuiu para a catalogação e análise da cultura e vida pompeiana (BEARD, 2010, p. 10-11, traduzido pela autora).

Cabe ainda ressaltar outro fator importante para o ramo arqueológico, era de que a cidade de Pompéia não estava finalizada: encontrava-se em reparo. Estima-se que em 62 d.C. Pompéia tenha enfrentado um terremoto que danificou a estrutura de suas edificações. O fato de que muitas casas privadas e edifícios públicos não estavam com seu restauro completo, afirmam que o dano foi severo (BEARD, 2010, p. 12-13, traduzido pela autora).

3. METODOLOGIA

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa consiste na dissertação da influência da morfologia urbana atual da Pompéia Contemporânea com a Pompéia soterrada pelo Vesúvio e, com isso, analisar a influência do contemporâneo com o patrimônio histórico, elencou-se como metodologia os métodos histórico, bibliográfico e a de análise documental.

O método histórico, conforme Lakatos (2003, p. 106-107), consiste em um princípio histórico que fundamenta as atuais formas da vida social e cultural. Para compreender os acontecimentos, processos e instituições do passado, é importante estabelecer a análise e pesquisa do passado a fim de compreender qual a influência na sociedade de hoje, através da remontagem dos períodos iniciais e suas transformações.

Já o método bibliográfico advém de uma pesquisa com base em documentos já elaborados, como livros e artigos científicos. Este método expõe-se adequado quando o problema da pesquisa exige de dados e informações dispersas pelo espaço, como no caso desta pesquisa, que não possui outra forma de obtenção de fatos passados (GIL, 2002, p. 44-45).

A análise documental, segundo Bardin (1977, p. 46), define-se como a condensação de informações para consulta e armazenamento. Faz-se a manipulação do conteúdo a fim de evidenciar a interferência sobre uma realidade alternada através de indicadores.

Consequente ao levantamento bibliográfico sobre Pompeia, o Sítio Arqueológico e os Fundamentos da Morfologia Urbana, dispostos na fundamentação teórica, juntamente com levantamento cartográfico da morfologia urbana ao decorrer do desenvolvimento de Pompéia, o estudo parte para uma análise qualitativa das informações levantadas.



4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Conforme decorrido através da pesquisa, entendeu-se que a morfologia urbana objetiva o estudo da forma do meio urbano ao longo do tempo através de instrumentos de leitura que hierarquizam a importância das partes urbanas (ruas, bairros, vizinhanças, uso do solo, densidade, entre outros), sem considerar o processo de urbanização, e, ainda, atribuindo valores aos elementos da forma. O estudo da morfologia urbana também envolve a análise dos elementos morfológicos e sua relação com os lugares que constituem o espaço urbano, ou seja, hierarquiza a valorização de cada elemento.

Sendo um elemento morfológico, o sítio arqueológico é o termo dado ao local rico em vestígios da ocupação humana, que evidencia as atividades sociais estabelecidas e sua cultura por meio de elementos ou objetos de valor, permitindo o estudo da arqueologia. A conservação do patrimônio deriva do valor dado de acordo com a cultura social, o que impacta em desafios e complexidades que visem conter a degradação dos materiais expostos no tempo, além de fatores sociais como furtos, desenvolvimento urbano não planejado, guerras e problemas financeiros.

O sítio arqueológico de Pompéia é conhecido no meio popular devido ao estado de conservação em que foi encontrado nas escavações, além de seus curiosos afrescos e arte em um geral. A pressa dos cidadãos ao fugir, deixando seus pertences para trás, ajudou a entender a cultura e a vida cotidiana em Pompéia. Além disso, a cidade estava em reparo resultante de um terremoto anos antes da erupção, o que significa que muitas estruturas não estavam completamente restauradas quando a erupção ocorreu.

Deste modo, a relação entre os termos morfologia urbana, sítio arqueológico e Pompéia é a de que o sítio arqueológico de Pompéia possui uma morfologia urbana significativa para o meio acadêmico de pesquisas e ciência em razão da importância social, cultural e histórica. O estudo de Pompéia abre portas para a comparação da cidade antiga romana com a cidade, ou ainda, com a moderna; é onde se debate e confronta as diferenças culturais, sociais e econômicas do antigo com o novo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



O objetivo principal deste trabalho consistiu em analisar a influência morfológica sobre o desenvolvimento urbano em proximidades ao sítio arqueológico de Pompéia, a partir do seguinte problema de pesquisa: As delimitações de perímetro do sítio arqueológico de Pompéia são influenciadas pela área urbana do entorno? Em consonância, foi levantada a conceituação do termo morfologia urbana e sítio arqueológico, para então contextualizar a relevância histórica do patrimônio arqueológico da cidade de Pompéia. Dentro dos objetivos específicos da pesquisa, os objetivos A) fundamentar a história de Pompeia; e D) analisar política de preservação do sítio arqueológico; foram atingidos até o presente momento, por intermédio da metodologia de métodos histórico e bibliográfico.

A hipótese inicial é a de que existe a influência da área urbana no entorno do sítio arqueológico, uma vez que o sítio arqueológico está cercado e delimitado pela cidade contemporânea de Pompeia. Em vista do que foi apresentado neste artigo, a hipótese não pode ainda ser confirmada ou refutada.

Deste modo, os próximos passos para a pesquisa visam respondê-la, através do alcance dos objetivos B) analisar e comparar o perímetro do sítio arqueológico através dos anos; C) analisar a evolução urbana da cidade contemporânea através de mapas e legislações; e E) analisar instrumentos, planos e condutas públicas italianas sobre o desenvolvimento urbano da região.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977.

BEARD, M. **Pompeii: life of a Roman town**. London: Profile Books ltd, 2009.

COOLEY, A. E. **Pompeii**. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2023.

COOLEY, A. E.; COOLEY, M. G. L. **Pompeii and Herculaneum**. A sourcebook. 2. ed. Nova Iorque: Routledge Taylor and Francis Group, 2014.

COSTA, S. A. P; NETTO, M. M. G. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

DEMPSEY, N., et al. **Elements of Urban Form**. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/226686462_Elements_of_Urban_Form>. Acesso em: 18 mar. 24.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



GAUTHIER, Pierre.; GILLILAND, Jason. **Mapping urban morphology**: a classification scheme for interpreting contributions to the study of urban form. *Urban Morphology* 2006; 10: 41-50. Disponível em Acesso em: 17 mar. 24.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IPHAN. **Fototeca sítios arqueológicos**. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/17/fototeca-sitios-arqueologicos#:~:text=São%20considerados%20sítios%20arqueológicos%20os,lapas%20e%20abrigos%20sob%20rocha.>>. Acesso em: 19 mar. 23.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.

MASON, R. AVRAMI, E. Heritage Values and Challenges of Conservation Planning. In: TEUTONICO, J. M.; PALUMO, G. **Management Planning for Archaeological Sites**. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2000. P. 13-26.

NESBITT, K. Uma nova agenda para a arquitetura. In: NORBEG-SCHULZ, C. **O fenômeno do lugar**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. P. 443 - 459.

SOMMER, C. A., et al. **Depósitos de Fluxo Piroclástico Primários**: Caracterização e Estudo de um Caso no Vulcanismo Ácido Neoproterozóico do Escudo Sul-rio-grandense. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/PesquisasemGeociencias/article/view/19576/pdf>>. Acesso em: 17 mar. 24.

SULLIVAN, S.; RICHARD, M. **Archaeological Sites**: Conservation and Management. California: Getty Publications, 2012.

VILLALVA, A. **Morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.